

HIPERTEXTO/EDUCAÇÃO

Depois de um período de calma no governo Lula, **universidades e institutos federais** aderem à paralisação, alegando falta de diálogo

EDUCAÇÃO

GREVES SEM FIM

VOLTAM À CENA

PRISCILLA THOMPSON
ppessini@redgazeta.com.br

Menos de um ano depois da última paralisação, greves já voltaram a afetar a vida dos mais de 38 mil estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Com atividades suspensas e sem previsão de retorno, professores e técnico-administrativos lutam por reajustes salariais e melhorias nos seus planos de carreira, enquanto alunos aguardam o reinício do período letivo. Em 2011, foram 89 dias de paralisação no Ifes e 109 na Ufes. Será um sinal de que as greves vão voltar a fazer parte do calendário dessas instituições, a exemplo do que muito se viu até o início dos anos 2000? E as paralisações sucessivas podem atrapalhar mais ainda o calendário escolar das instituições?

Os professores de 56 das 59 universidades federais do país – entre elas, a Ufes – entraram em greve no dia 17 de maio. Os servidores técnicos aderiram ao movimento no dia 11 de junho, com apoio de boa parte dos alunos. Já no Ifes, as atividades das duas categorias foram interrompidas na última quarta-feira, dia 27 de junho, quando pelo menos 34 dos 38 institutos federais brasileiros já haviam aderido à greve.

Ao contrário do vivido no período do governo Lula (2002-2010), o que se vê, hoje, é uma dificuldade de negociação com o governo federal, explica o coordenador-geral do sindicato nacional que representa os servidores dos institutos federais (Sinasefe) e coordenador do Sinasefe Seção Ifes, Gutenberg de Almeida. “Nós apresentamos a pauta de reivindicações em 2010, mas não fomos atendidos. E foi por isso que entramos em greve em 2011. A resposta do governo foi dizer que não negociaria com nenhuma categoria paralisada”, explica. O sindicato pede, entre outras coisas, reajuste salarial de 22,08%.

SEM DIÁLOGO

No acordo para sair da última greve, diz Gutenberg, criou-se um grupo de trabalho com o governo para reestruturar a



Na tarde de ontem, servidores da Ufes fizeram um churrasco no prédio da Reitoria em dia de mobilização de greve

carreira dos servidores dos institutos federais. “Mas o grupo foi suspenso em janeiro, e, desde então, aguardamos uma posição do governo. A greve é o último instrumento que o servidor tem para lutar por seus direitos, quando não há mais diálogo”, pondera.

Nas universidades federais, a situação é semelhante. Os servidores técnico-administrativos deram início a uma negociação por reajuste do piso salarial para três salários mínimos, entre outras reivindicações, em 2007, e participaram de 52 reuniões com o governo para avançar nas conquistas já obtidas ao longo do governo Lula. “Estávamos dando sequência ao aprimoramento da carreira, mas o governo Dilma não deu continuidade ao processo”, explica o coordenador-geral do Sintufes, José Magesk.

Desde o início das greves deste ano, o

—
“As greves trazem prejuízos aos alunos, atrasando o calendário, mas elas também fazem parte do processo de construção da instituição e trazem benefícios a ela”

—
DÊNIO REBELLO ARANTES
REITOR DO IFES

governo ainda não se reuniu com os sindicatos para discutir as pautas de reivindicações, apesar de já ter prometido rodadas de negociações algumas vezes. “Crise econômica internacional, Copa do Mundo de 2014, Rio + 20. Tudo virou prioridade para o governo e desculpa para não negociar”, critica Magesk.

De fato, o governo chegou a chamar os sindicatos para negociar por pelo menos duas vezes, mas cancelou as reuniões, alegando outras prioridades. O ministro da Educação, Aloizio Mercadante, argumentou, na ocasião, que ainda há prazo para que a negociação seja concluída, já que o orçamento de 2013 só será fechado o final de agosto.

POUCO INCÔMODO

Para o economista e diretor do Instituto Futura, José Luiz Orrico, as greves per-

BERNARDO COUTINHO